

Porto Seguro, 500 anos de insensatez

Documentação

Fonte: FSP

Data: 17/4/2000 Pg. 8-16

Class.: 133

Porto Seguro é o lugar aonde os portugueses chegaram pela primeira vez. Lá é possível ver as praias que os deslumbraram, o Monte Pascoal que lhes deu a certeza de que chegaram à terra.

É em Porto Seguro que se vai comemorar os 500 anos do Descobrimento.

É uma pena, para um lugar tão bonito, que tenha sido descoberto pelos portugueses e, séculos depois, tenha sido escolhido pelo governo para comemorar o feito.

Há alguma coisa de sinistra nessa festa. Ela prolonga o delírio colonial de liquidar com outras culturas que não sejam do branco nem do católico.

No passado, esse sonho se materializava em massacres, estupros, incêndios e pilhagens das riquezas nativas.

Agora ficou mais brando, mais suave talvez, mas é sempre o mesmo e velho sonho de liquidar com o outro, de arrasar as culturas diferentes. O primeiro passo foi destruir o monumento que os índios pataxós construíram para as vítimas da invasão portuguesa.

A única obra permitida é a imensa cruz metálica criada pelo artista Mário Cravo, aliás um grande artista que, se fosse consultado, talvez aceitasse de bom grado a vizinhança de um monumento indigena.

Quem operou essa diplomacia racial foi a Polícia Militar baiana. Ela, estimulada pelo governo federal, está bloqueando estradas e já anunciou que não deixará entrar o movimento negro nem os sem-terra ou os sindicalistas que se deslocam para Porto Seguro.

Além disso, o próprio governo federal cuidou de bloquear o acesso por mar — tudo para garantir que as gargalhadas do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, e os discursos do presidente Fernando Henrique Cardoso sejam ouvidos em paz.

Extensão das cidades

Lembro-me de Porto Seguro ainda quase virgem. Chegavam ali os mochileiros, os alternativos, e as pousadas eram rústicas.

Com o tempo, construiu-se na região o aeroporto, novos e luxuosos hotéis foram erguidos, e a Passarela do Alcool, cheia de botecoquins, passou a ser uma atração na cidade.

Ali, os caras que vinham do Rio ou de São Paulo circulavam com seus carros, som no mais alto volume.

Enfim, Porto Seguro se tornou uma extensão praiana das grandes cidades brasileiras.

Viajar a Porto Seguro nessa Semana Santa pode ser pedagógico de certa maneira.

Pode-se ver vestígios do paraíso que os portugueses encontraram e

pode-se também desvendar o código genético da colonização. Enfim, examinar no próprio local o que foi feito dele pelo que convençionalmente chamamos civilização luso-brasileira.

Existe uma linha de coerência entre o Descobrimento, a ocupação e essa festa delirante que pretende excluir os índios e os negros, reduzindo-nos a uns brancos solenes e sem graça, possivelmente fazendo discursos emocionados.

Monumento

Nada mais dramático do que constatar, nesta madrugada em que escrevo, que a terra dos pataxós está ocupada pela Polícia Militar da Bahia, que se instalou lá para impedir que reconstruam o monumento destruído pela ação militar.

O mais interessante foi ouvir de deputados baianos a informação de que o próprio governo se dispôs a construir um outro monumento dos índios, usando arquitetos brancos e também a sua singular estética.

Mesmo aí, quando tentam reparar um erro, o delírio colonial de destruir o outro, de reduzi-lo a uma simples caricatura do europeu branco, continua de pé.

É razoável que tanto índios como negros perguntem aos governantes o que é que estão comemorando.

É razoável que continuem tentando se manifestar, erguendo seus próprios memoriais.

África

Apesar de tudo, dessa longa dominação branca, ainda existem lindas praias, ainda se pode caminhar de noite de Trancoso para Arraial d'Ajuda, ainda existem índios na Coroa Vermelha e negros como meu amigo Hélio, dono do velho Estrela Dalva, onde eu ocupava um pequeno quarto.

Ele dizia: "Estamos de frente para a África, se abirmos bem os olhos, poderemos ver os seus contornos no além-mar".

Os organizadores da festa dos 500 anos escolheram ficar de costas para a África e, naturalmente, querem os índios agitando bandeiras do Brasil, cantando o Hino Nacional.

Há muitas versões desses 500 anos. Reprimir essa diversidade e reduzi-la ao programa oficial é apenas mais um delírio, entre tantas loucuras que vieram dar nessa praia.

O negócio é deixar passar a onda e voltar a Porto Seguro, reconstituindo essa violência milenar, descobrindo os restos da mata atlântica que ainda sobrevive, a nesga do mar tropical e, quem sabe, navegar até Abrolhos, aonde eles chegaram, mas não conseguiram alterar. Descobrir tudo que ainda resiste a 500 anos de insensatez.